



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

A AULA DE CAMPO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Sabryna Gabriele Santos da Costa

*Universidade Federal de Campina Grande
sabrynagabrielesantos@gmail.com*

Ellen de Andrade

*Universidade Federal de Campina Grande
ellenandrade23@gmail.com*

Sérgio Murilo Santos de Araújo

*Universidade Federal de Campina Grande
sergiomurilosa.ufcg@gmail.com*

RESUMO: No respectivo trabalho, procuramos relacionar o uso de diferentes recursos e métodos no processo de aprendizagem da disciplina de Geografia. Analisando a importância da aula de campo como uma parte da evolução do progresso no ensino e aprendizado, proporcionando uma melhor compreensão de toda teoria vista em sala de aula. Esta pesquisa é resultado de experiências desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Universidade Federal de Campina Grande (PIBID-UFCG). Os resultados são frutos de uma aula realizada com os alunos das turmas do 7º ano e 9º ano B/C da E.E.E.F Nossa Senhora do Rosário no município de Campina Grande no Estado da Paraíba, onde estes desfrutaram da oportunidade de visitar a Empresa Fenoplast - localizada no Distrito Industrial da cidade – e a Vila do Artesão. Desta forma, o estudo de campo mostrar-se como um elemento relevante à aprendizagem em locais não formais no qual os estudantes se deparam com produtos e situações reais, relacionando com sua rotina e coincidentemente com a teoria do conteúdo proposto.

Palavras-chave: Aula de campo; Procedimentos metodológicos; Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O trabalho nasce da análise de novos mecanismos metodológicos para o ensino da disciplina de Geografia, desse modo, a aula de campo aparece como necessária, na qual os alunos poderão correlacionar o que é visto em sala de aula no estudo de campo, entendendo a relação do homem com o meio. Posto que, esta ferramenta está diretamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a dificuldade da execução, mostra ao aluno o que na maioria das vezes ele não obtém em classe.

A cooperação dos Bolsistas do Subprojeto de Geografia PIBID – Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), foi fundamental para a ação da atividade extraclasse. Os educandos puderam constatar no local o que foi visto em sala, dando assim, importância aos conteúdos estudados. Portanto, pode-se avaliar a experiência vivenciada como positiva, como uma prática de inovação para o meio escolar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreendendo que o meio dispõe de uma relação direta com o ensino-aprendizagem e tem como finalidade propor aos alunos que conheçam sua realidade, que construam um pensamento crítico sobre a sociedade e o mundo como um todo. Foi essa a razão que escolhemos para desenvolver nosso trabalho.

Segundo Pontuschka (2004), um exemplo similar ao estudo do meio foi introduzido no Brasil pelas escolas anarquistas, com o objetivo de através da observação do meio natural e social, perceber as desigualdades e procurar soluções para as problemáticas. Com o fim destas escolas, essa prática terminou. Somente em meados do século XX que os ideários da Escola Nova retomaram esta atividade, visando integrar o aluno ao seu meio, mas este movimento não teve tanto respaldo, devido a ditadura militar na época.

A partir dos anos de 1980 e 1990 que o estudo do meio passou a ser usado pelos professores do Estado de São Paulo, com um jeito diferenciado, era visto como estudo do meio uma forma de entretenimento, como saída de professores, trabalhos interdisciplinares. (PONTUSCHKA, 2004).

Para Belo (2010) na atualidade, ainda é possível observar alguns equívocos como visto acima, à episódios em que a coordenação e o corpo docente retrata o estudo do meio como uma excursão, passeio ou algo do tipo. Transmitindo a falta de percepção da produtividade pedagógica que esta pode proporcionar.

Como fala Pontuschka (2004b, p.265) “o que importa é o método de pesquisa no ensino, com a preocupação incessante de que o conhecimento está em permanente construção e em interação com o conhecimento historicamente produzido”, assim entendemos a necessidade de um planejamento para realização do mesmo, no intuito de que os alunos possam enxergar e relacionar o conhecimento visto em sala de aula, com as propostas do estudo de campo, e que os mesmos não entendam a atividade como um passeio.

Acreditamos que o estudo do meio é uma ferramenta pedagógica importante, que leva o aluno a vivenciar o que aprendeu em sala de aula. Conduzindo-os a questionar situações aprendidas em campo, conciliando não só com o que viu em sala de aula, mas agregando conhecimento, transformando e levantando novos questionamentos.

Da mesma forma compreendemos a dificuldade de tal prática, sendo necessária uma organização por parte do professor, este deve contar com auxílio da coordenação da escola, com a colaboração dos pais, para liberarem os filhos para atividade e o meio de transporte, quando necessário. Em alguns acontecidos o professor tem de levantar fundos para realização desta atividade, e para isso precisa contar com auxílio da escola e também dos alunos, caso seja possível. Outro contra tempo é o horário no qual deve ser realizada esta atividade, geralmente os professores dispõe apenas do turno em que os alunos vão à escola, pois, no horário oposto, a maioria têm outras atividades e não são liberados pelos pais, ou acontece do professor ter que dá aula e não pode estender seu tempo na atividade. Por isso as atividades de estudo do meio, muitas vezes acontecem em municípios próximos da cidade em que fica está localizada a escola, limitando as oportunidades de desenvolvimento da atividade.

Mesmo diante de todas as dificuldades para o uso do Estudo do Meio como mecanismo de ensino-aprendizagem, entendemos que esta atividade seja de suma importância para prática pedagógica, por estimular o olhar crítico do aluno e permitir a associação do conhecimento deste, que foi obtido em gabinete (sala de aula) e com o conhecimento no campo, sem contar na grandiosidade proporciona por esta ferramenta, onde os alunos passam a entender que o conhecimento não está somente dentro da sala de aula.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho do Subprojeto de Geografia PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG possibilitou os alunos da E.E.E.F. Nossa Senhora do Rosário 7ºano e 9º B/C a realização de um estudo de campo no município de Campina Grande, possibilitando a visitação na indústria Fenoplast e a Vila do Artesão – também tido como turístico na cidade .

Antes da aula de campo o professor titular da turma em conjunto com os integrantes do subprojeto de Geografia PIBID/UFCG realizou aulas teóricas expositivas e dialogadas abordando a temática da Revolução Industrial e do Consumo. Para a execução destas aulas

foram utilizados equipamentos audiovisuais como projetor multimídia para exposição de imagens e documentários.

Posteriormente os educandos tiveram a oportunidade de realizarem uma pesquisa feita na internet orientada pelos bolsistas do PIBID/UFCG, para a realização de um debate em sala sobre o conteúdo que estava sendo ministrado em sala. São extremamente importantes essa definição antes da aplicação da aula, pois, segundo Marandino (2009) é necessário ter clareza nos objetivos ao levar os alunos à visitas a campo, para que essa atividade não tenha déficit e seja banalizado.

A aula de campo tem sido um importante recurso metodológico na disciplina de Geografia, pois, une a teoria e prática, sendo possível avaliar se as atividades desenvolvidas em sala possibilitaram mudanças nos que participaram deste processo, pois é através do contato real que se estabelecem relações no que é observado.

A chegada da Geografia crítica às observações no campo passa a ter significados distintos, pois os atores envolvidos no processo passam a questionar em busca de respostas coerentes, logo, um novo sentido é atribuído ao estudo de campo onde o aluno não é só mais um observador, e sim um investigador procurando ser parte integrante do procedimento em estudo. Segundo Cirino:

“Desta forma o trabalho de campo surge como importante ferramenta de desconstrução do olhar puro e simples, aquele que olhamos sem perceber as relações e transformações ocorridas. Entendendo efetivamente como o espaço se apresenta, pois não bastaria somente o contato teórico em sala mais como complementação o campo, a visualização do real.”

Então, o estudo de campo proporcionou nos educandos maior identificação com a temática estudada em sala. A visita à Fenoplast e a Vila do Artesão necessitou de uma organização do professor titular da disciplina de Geografia. Primeiro foram realizadas aulas sobre a Revolução Industrial e o Consumo. O professor titular da disciplina procurou uma empresa de ônibus da cidade para alugar o transporte, o valor acordado foi dividido entre os alunos e assim foi possível a realização da viagem.

Então, no dia 06 de setembro saiu o ônibus com destino a empresa Fenoplast. Ao chegarem ao local os alunos foram recebidos pelo proprietário da empresa, Fernando. Foi apresentado, primeiramente, as instruções necessárias para iniciar a visita. Esclarecida todas as dúvidas, foi então apresentada toda a estrutura da indústria e como funcionava a mesma. Os

alunos puderam perceber a diminuição da mão de obra humana pelos maquinários, exposto nas imagens abaixo.



Fonte: Sena, 2016

Após a visita no local, os alunos partiram em direção ao próximo destino à Vila do Artesão, lá puderam entender melhor como era feito todo o trabalho artesanal dos objetos e como a tecnologia das máquinas contribuíram para o desenvolvimento dessas atividades. Em sala, comentaram a respeito das observações feitas na indústria e na Vila do Artesão proporcionando um debate produtivo entre si.

No final das atividades percebeu-se que os discentes ficaram empolgados com os objetivos alcançados e o conhecimento adquirido, despertando neles a vontade de obter novas informações. Isso confirma o que afirma Martins e Halasz (2011) apontaram que as aulas em ambientes naturais propostas despertam o interesse dos alunos, aumentando a vontade de aprender e conhecer tais assuntos, podendo desenvolver no educando uma formação crítica, levando a compreensão da relação dele com o ambiente no qual está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados foram positivos e é preciso que estejam relacionados há um planejamento com objetivos bem definidos e a cooperação de todos os atores envolvidos no processo, pois, segundo Nunez e Dourado (2009) evidenciam que os objetivos e as tarefas do trabalho devem estar bem determinados para que este possa surtir o efeito esperado.

As aulas de campo facilitaram a compreensão dos conteúdos e dinamizaram a disciplina, através da pesquisa em local que instigou a curiosidade dos alunos, quebrando a rotina escolar, também foi notório a motivação destes para desenvolver atividades relacionadas aos conhecimentos adquiridos no estudo.

A participação dos alunos do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) Subprojeto de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) nessa atividade, proporcionou aos bolsistas uma aproximação da escola com a universidade, visto que a maioria ainda não haviam tido contato com disciplinas de Estágio Supervisionado na universidade, onde os graduandos puderam vivenciar uma experiência a qual, futuramente, podem executar nas suas salas de aula, ampliando seus conhecimentos.

Então chegamos à conclusão que a prática do estudo do meio é de grande importância, tanto para os alunos quanto para os professores, pois facilita o conhecimento e proporciona novas experiências, vivenciadas individual e coletivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, V. de L. e RODRIGUES, G. S. Jr. **A importância do trabalho de campo no ensino de Geografia.** XVI Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

CIRINO, Bruna; et al. **A Importância dos Trabalhos de Campo nas Aulas Sobre Meio Ambiente para Turmas de Ensino Fundamental.** 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Porto Alegre: 2009.

Disponível Em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20\(4\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20(4).pdf)

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos.** São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, J. S. **Situações Práticas de Ensino e aprendizagem significativa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

MARTINS, C. T.; HALASZ, M. R. T. **Educação Ambiental nos Manguezais dos Rios Piraquêaçu e Piraquê-mirim.** Boletim do Observatório Ambiental Alberto Ribeiro Lamego, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 5 n. 1, p. 177-187, jan./jun. 2011.

NUNES, I. E.; DOURADO, L. **Concepções e práticas de professores de Biologia e Geologia relativas à implementação de ações de Educação Ambiental com recurso ao trabalho laboratorial e de campo.** Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 8, n. 2, p. 671-691. mai./ago. 2009. 8

PONTUSCHKA, NidiaNacib. O conceito de estudo do meio transforma-se... Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In. VESENTINI,

José William (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.